

CONHECER PARA COMBATER: UMA CONVERSA SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Paloma Correa ¹

Eduardo Lima ²

Gregório Avanzi Pelegrino ³

Ewerton da Silva Ferreira ⁴

Jaqueline Carvalho Quadrado ⁵

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo relatar as intervenções realizadas a partir do projeto de extensão "Rodas de conversa: em debate a violência sexual contra crianças e adolescentes", da Universidade Federal do Pampa- Campus São Borja, situado na região oeste do estado do Rio Grande do Sul, que são realizadas nas escolas públicas do município de São Borja/RS. Os temas abordados são, as condutas de autoproteção e os impactos das mídias na sexualidade dos adolescentes. Para tanto utilizamos como referencial teórico-metodológico os seguintes autores: Azambuja e Ferreira (2011); Guerra (1998); Bortolini (2008); Yazbek (2009) entre outros autores. As atividades desenvolvidas são essenciais para o não silenciamento das crianças e adolescentes, nos casos de abuso sexual, e realizando também uma abertura para a fala sobre outras violências, intervindo de uma maneira didática, utilizando elementos pertencentes à realidade dos jovens. As escolas e as universidades têm um papel destacado no trabalho de orientação e prevenção.

Palavras-chave: Violência Sexual; Crianças e Adolescentes; Roda de Conversa; Escola;

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

CONHECER PARA COMBATER: UMA CONVERSA SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

¹ Aluno de graduação. palomabuenoc12@gmail.com. Autor principal

² Acadêmico de Serviço Social, na Universidade Federal do Pampa, Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) no projeto relações de gênero no contexto escolar.. elima2929@gmail.com. Co-autor

³ Acadêmico de Publicidade e Propaganda, da Universidade Federal do Pampa, bolsista de pesquisa no projeto relações de gênero no contexto escolar.. gregavanzi@gmail.com. Co-autor

⁴ Licenciado em Ciências Humanas e Acadêmico do Curso de Ciências Sociais- Ciência Política, pela Universidade Federal do Pampa, bolsista do programa de extensão mulheres sem fronteiras.. ewertonferreira266@gmail.com. Co-autor

CONHECER PARA COMBATER: UMA CONVERSA SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

1 INTRODUÇÃO

Observa-se constantemente através da mídia e das redes sociais, diversos casos de violência. No âmbito escolar, nota-se que algumas crianças e adolescentes têm comportamentos e ações que reproduzem as relações sociais de seu cotidiano, como exposto por Yazbek:

A reprodução das relações sociais é a reprodução de determinado modo de vida, do cotidiano, de valores, de práticas culturais e políticas e do modo como se produzem as ideias nessa sociedade. Ideias que se expressam em práticas sociais, políticas, culturais, padrões de comportamento e que acabam por permear toda a trama de relações da sociedade (2009, p. 3).

As primeiras manifestações de violência sexual contra crianças são na fase inicial da vida onde a dependência dos adultos é maior. A maioria dos casos são cometidos por pessoas próximas da criança, e geralmente, do mesmo grupo familiar. Entre os diversos tipos de violência, a sexual intrafamiliar é uma das mais complexas, causadora de transtornos psicológicos que acompanha a vítima pelo resto da vida

A violência estrutural oferece um marco à violência do comportamento, pois se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de determinados grupos e pessoas aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis (MINAYO, 1994, p.10)

Destaca-se que a violência sexual pode ocorrer nos ambientes mais diversificados, dentre eles, o ambiente doméstico, familiar e escolar. Importa dizer que muitas vezes a escola é vista como uma fuga, para as crianças, onde elas não querem voltar para a casa e assim, não ficam próximas do agressor, pois as estatísticas comprovam que a maioria dos casos os agressores costumam ser familiares da vítima, afinal está acima de qualquer suspeita. É contumaz o agressor demonstrar um “amor” maior por essa criança, carinho exagerado, proteção exacerbada, exatamente para mostrar que não oferece perigo. Contudo, estas características evidenciam a repulsa dessa vítima com o agressor, e é neste meio que a vítima usa a escola como refúgio.

2 METODOLOGIA

As intervenções são realizadas na forma de roda de conversa, com propósito de desenvolver condutas de autoproteção. Foi efetuada com alunos do 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, da rede estadual e municipal. A conversação na área da violência sexual visa o conhecimento e à sensibilização sobre o tema, além da orientação, por meio do desenvolvimento de condutas de autoproteção.

Apresenta-se e aplica-se de forma prática, por meio de dinâmicas de grupo, a proposta desenvolvida por Maggie Escartín (2003), divulgada pela ONG *Save the children*. Essa metodologia se caracteriza como um programa de prevenção ao abuso sexual contra crianças – Desenvolvimento de condutas de autoproteção, para crianças entre 6 e 11 anos. A proposta de Escartín é desenvolver a autoproteção por meio de ações que elevem a autoestima e valorizem a autoimagem de crianças, para que possam aprender a reagir diante de uma situação de risco, abuso sexual ou outras formas de violência. Os conteúdos trabalhados com as crianças são: 1. “quem sou eu” – aprender a conhecer a si mesmo e seus sentimentos; a dizer o que pensa e sente; a fazer valer seus direitos; a pedir ajuda. 2: “este é o meu corpo” – aprender a conhecer seu espaço; a reconhecer situações de perigo; a conhecer seu corpo; a pedir ajuda. 3: “eu tenho o direito de me sentir seguro” – aprender a diferenciar entre bons e maus segredos; a dizer “não”; a fazer valer seus direitos; a pedir ajuda.

As atividades têm caráter lúdico e pedagógico. Dentre os temas que os participantes mais gostaram de abordar, destacam-se: “a dizer o que pensa e o que sente” e “pedir ajuda”.

Outra intervenção intitula-se “O impacto das mídias na sexualidade dos adolescentes”. Essa abordagem justifica-se como consequência do aumento de denúncias relativas a adolescentes de 12 a 14 anos que se fotografam nuas e compartilham suas fotos com amigos por meio de telefones celulares. O compartilhamento e o vazamento de tais fotos, das adolescentes passaram a ser vistas de forma mais ampla pela internet, como produção de material pornográfico, ou vingança pornográfica. Fundamentada em campanhas de prevenção com base na autoproteção dos adolescentes, a intervenção visa a sensibilizá-los por meio de esclarecimentos para as formas contemporâneas de viver a sexualidade, as quais podem representar violência sexual. Para tanto, essa intervenção se valeu da projeção dos filmes *Confiar* (2010), do diretor norte-americano David Schwimmer, e *Depois de Lúcia* (2012), de Michel Franco. Também fez uso de cartilha (SAFERNET, 2013) desenvolvida pela ONG SaferNet Brasil, no interior de escolas, centros comunitários, projetos sociais e demais organizações de atendimento a adolescentes e jovens.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Como o abuso sexual é uma situação íntima e constrangedora para a vítima, não se tem falas obviamente sobre tais fatos, visto que se trata de uma oficina e não de atendimentos individuais. Os indícios de abuso sexual, “próximo” aos participantes das oficinas é perceptível, quando de indagações ou problematizações sobre onde procurar ajuda? “Não adianta procurar ajuda, já ouvi que não resolve nada?” “Soube de um caso, ouvi falar”, sempre existe uma referência a uma terceira pessoa. Dificilmente ela será próxima ao seu círculo familiar ou de amigos. Além disso, a cidade é muito pequena e os espaços de socialização são muito próximos, o que não permite se falar sobre o fato. A equipe do projeto já foi procurada em particular, em outro momento, para relato de abuso sexual. E o que se orienta primeiramente é procurar o SOE(...) da escola para um diálogo, para que este acione o conselho tutelar ou encaminhe para o CREAS..., conforme a tipicidade do fato.

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um acontecimento presente em diversas sociedades de todo o mundo, e está associada com questões culturais, sociais e econômicas e deve ser investigada com atenção levando em conta as diversas variáveis para exploração e abuso sexual. Tendo em vista que a maioria de seus casos perpassa o meio intrafamiliar, é citado no Art. 130 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

Art. 130. Verificada a hipótese de maus-tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsável, a

autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia comum (BRASIL, 2017, p. 80).

A violência sexual praticada contra crianças e adolescentes ainda são vista como um tabu pela sociedade, e muitas vezes, são mantidas em silêncio, pois pode-se afirmar pelos relatos estudados que a maioria dos fatos de violência ocorre no contexto intrafamiliar. No entanto, não podemos condenar os abusadores, haja vista que o mesmo apenas reproduz o que já passou, como pondera Siqueira:

Para além da mídia, as pessoas estão cada vez mais acostumadas a se comunicar violentamente, quer nas relações familiares, profissionais, comunitárias ou sociais e a violência que é aprendida ou vivenciada hoje poderá ser reproduzida amanhã, num ciclo que se auto-alimenta e exige um esforço enorme para ser interrompido, como nos casos de violência sexual (2009, p. 120).

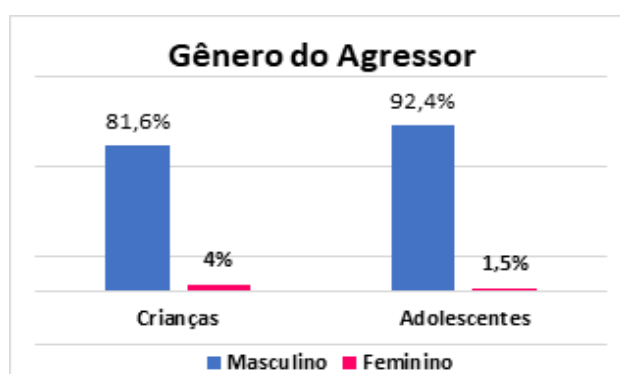
Entre os diversos fatores expostos, as principais violações de direitos estão: o trabalho infantil, abandono, negligência, violências físicas, sexual, psicológica e institucional. De acordo com Guerra a exploração sexual ou violência sexual

Configura-se como todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa (1998, p. 31).

Inúmeras vezes a criança não sabe diferenciar um contato físico aceitável de um contato físico inaceitável. É importante que a criança aprenda desde cedo o que são partes íntimas e que não se deve deixar ninguém as tocá-las e vê-las e nem outras pessoas mostrem e peçam para que vejam as dela. E quando isso ocorrer ela saiba que é algo errado e não é permitido.

O abuso sexual pode ocorrer tanto no contexto familiar (intrafamiliar), como nas relações fora dela (extrafamiliar). Na maioria dos casos o agressor é do sexo masculino e o maior número de vítimas são do sexo feminino, como demonstram os gráficos abaixo:

Gráfico 01 - Estatísticas do gênero do agressor



Fonte: Regadas (2018).

Tabela 01 - Estatísticas do gênero das vítimas

Gênero das Vítimas		
Gênero	Crianças	Adolescentes
Sexo Masculino	25,80%	7,60%
Sexo Feminino	74,20%	92,40%

Fonte: Regadas (2018).

Esses números reforçam os efeitos do machismo na sociedade brasileira. Os indivíduos do sexo masculino são apontados como os principais autores das violências sexuais contra crianças e adolescentes. Diante disso, faz-se necessário problematizar essa situação, considerando que esse maior envolvimento como perpetradores das violências sexuais contra estes grupos, são evidências da afirmação de uma identidade masculina hegemônica, marcada pelo uso da força, provas de virilidade e exercício de poder sobre outros corpos.

Algumas instituições de ensino acham importante a abordagem dos diversos tipos de violência dentro do ambiente escolar, pois às vezes a criança e o adolescente não têm o conhecimento se aquilo é algo aceitável ou prejudicial à saúde. Com as atividades desenvolvidas pelo projeto “Rodas de conversa: em debate a violência sexual contra crianças e adolescentes”, a criança ou o adolescente pode se expressar e obter informações caso esteja passando por situações de violência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência sexual contra crianças e adolescentes ainda é um tabu e de difícil enfrentamento. Hoje apesar de ter mais visibilidade, ainda precisa que tenha uma compreensão mais ampla e ganhar mais espaço na sociedade.

A violência sexual cometida contra crianças e adolescentes têm diversas manifestações. Com as rodas de conversa pode-se contribuir para que eles tenham uma reflexão, sobre como reagir em casos de abusos sexuais, e possibilitar o conhecimento de fatos até então desconhecidos. Nesse contexto, constata-se a necessidade de intervenções nas escolas para que os alunos, tenham a possibilidade de entender sobre os diversos tipos de violência e que tenham a oportunidade de se expressar.

É preciso dar continuidade às ações preventivas junto às crianças e adolescentes, ensinando-as a se auto proteger, mas é preciso, também, capacitar e assessorar melhor os agentes sociais, especialmente os profissionais da educação, pois a escola é o lugar privilegiado para identificar casos de abuso sexual. Segundo o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, as escolas e as universidades podem ter um papel destacado no trabalho de orientação e prevenção.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, M., FERREIRA, M. et al. **Violência sexual contra crianças e adolescentes**. Porto Alegre: editora Artmed, 2011.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual na escola**. 1º edição. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.

Anais do 10º SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - SIEPE
Universidade Federal do Pampa | Santana do Livramento, 6 a 8 de novembro de 2018

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos:** a tragédia revisitada. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

REGADAS – Tatiana - *Maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes ocorre em casa; notificações aumentaram 83% - 2018*. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghtml>. Acesso em: 07 set. 2018

YAZBEK, Maria C. O significado sócio-histórico da profissão. In: CFESS/ABEPSS. **Serviço social:** direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

SIQUEIRA, Conceição Andreia. Serviço Social e Violência Sexual: Reflexões 2004. 183 f..

MINAYO, Maria Cecília de S. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. In: Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10, 1994.